

As redes virtuais e os movimentos sociais

Woodson Fiorini de Carvalho

Gustavo Luiz Fernandes de Moraes

As Redes Sociais virtuais têm sido palco de diversos movimentos sociais de grande e pequena escala. A amizade é a paixão geradora desse motor social e os discursos existentes nesses movimentos têm como alvo um anti-sujeito e ou anti-objeto definidos. Trata-se de um tipo genérico de amizade sob o qual são construídos e interpretados esses discursos de grande apelo passional e emocional. Esse trabalho procurar correlacionar a amizade e as características do discurso sobre esses movimentos sociais.

Nos últimos anos, a imprensa tem relacionado as Redes Sociais digitais a movimentos sociais e políticos de grande e pequena envergadura que estão ocorrendo em diversos lugares do planeta e no ambiente digital (Internet). Essa relação ficou mais evidente a partir dos movimentos que conduziram à recente insurgência popular de alguns países do Oriente Médio e África contra as tiranias ali estabelecidas por muitos anos, fenômeno que ficou conhecido como a “a primavera árabe”. Temos visto, no meio digital, várias iniciativas de movimentos como, por exemplo, os do site Wikileaks (pela liberdade de informação), de sites como Petição Pública Brasil www.peticaopublica.com.br/ ou Manifesto Livre www.manifestolivre.com.br/ que permitem criar, armazenar e difundir Abaixo-assinados e de comunidades de hackers que intervêm e atacam sites de instituições governamentais e particulares consideradas opressivas a fim de não só as denunciar mas de pressioná-las e combatê-las procurando forçá-las a mudar sua postura e atitude.

Como exemplo, vários ataques do tipo Denial Of Service (DOS), Phreaking que é atividade elaborada que poucos hackers dominam, Buffer Overflow dentre vários outros.

Alguns jornais informaram que o grupo hacker Anonymous, responsável por uma série de ataques em sites de governos, de empresas de cartão de crédito e à rede de games on-line PlayStation Network (PSN), da Sony, realizou um ataque em massa contra o Facebook no dia 5 de novembro de 2011. O objetivo dos “criminosos” é derrubar o site, que conta com mais de 700 milhões de usuários cadastrados. O ataque foi confirmado por meio do Twitter e por um vídeo divulgado no YouTube. Nele, a gravação afirma que a rede social tem auxiliado governos, "vendendo informações de usuários e garantindo acesso clandestino para firmas de segurança que espionam pessoas de todo o mundo".



O movimento hacker chegou a declarar a 3ª Guerra Mundial que aconteceria virtualmente. Foi uma abordagem sociopolítica, pois esse movimento hacker se utilizou de todas as redes atualmente existentes para disseminar a filosofia e conseguir mais adeptos para invasões impulsionados por vetos e manifestações pessoais que não obtiveram sucesso. A motivação é fazer justiça em uma sociedade mergulhada em corrupção. Várias pessoas aderiram e se interessaram por essas invasões com o intuito de atacar governos corruptos. No momento, a melhor forma de chamar a atenção de governos corruptos foi a retirada de seus serviços do ar.

Para além da comprovação da veracidade desse argumento que vincula a escalabilidade desse fenômeno histórico e político ao apogeu das redes sociais digitais ou ao acesso e à popularidade da Internet como um território, considerado “livre”, supomos que esta vinculação só é possível graças a uma frequente matéria prima que funda a intencionalidade de ambos, como um dos componentes simbólicos que impulsionam essa relação solidária que acontece em rede antes mesmo que a Internet pudesse existir: a amizade.

Parece haver, portanto, entre os movimentos sociais e as redes digitais, elementos sintáticos e semânticos comuns que as conectam e permitem potencializarem-se uma a outra.

O que pretendemos propor é pensar as configurações passionais dessa “amizade” que está por trás dos discursos que promovem esse comportamento epidêmico que se dissemina na forma de uma rede de conexões solidárias tanto nos movimentos sociais quanto nas redes sociais. Propomos começar essa investigação pela análise dos discursos dos movimentos sociais a partir da ótica da teoria semiótica das paixões que pretende identificar nos textos as “paixões de papel” que esses discursos suscitam, enquanto “qualificações modais que modificam o sujeito do estado”: o fazer persuasivo do destinador e interpretativo do destinatário da mensagem.

Analisaremos, portanto, uma notícia do site do Greenpeace “Floresta de carvão e violência”, uma peça de caráter publicitário que promove um ativismo ambiental. Pensamos que esses discursos pretendem vincular esses indivíduos a esse ativismo pela evocação ou invocação da paixão complexa fiduciária que conhecemos como amizade.

Acreditamos que essa amizade de tipo solidário parece ser a “paixão” que consubstancia movimentos e redes sociais, pois fomenta o discurso do primeiro e dá substância e existência ao segundo.

Entretanto, os discursos desses movimentos preveem no seu programa narrativo um anti-sujeito e ou anti-objeto que permitem convergir desejos e objetivos que agregam um determinado grupo que, em princípio, se posiciona de forma antagônica a outro(s) grupo(s), fenômeno que, por outro lado, no discurso que funda e estrutura as redes sociais não parece ocorrer, pois possui um caráter mais neutro e genérico.

Veremos, então, de forma um tanto condensada a descrição sintática que se faz da relação dos sujeitos ditos amistosos com o mundo partindo da descrição narrativa dessas relações.

Segundo Barros (2001, p.63) para explicar as paixões é preciso recorrer às relações actanciais, aos programas e percursos narrativos para determinar o sujeito que quer ser, o objeto de seu desejo, o sujeito em que outro sujeito crê, o destinador a quem o sujeito passional quer fazer bem.

No texto “Floresta de carvão e violência”¹ do site do Greenpeace, há uma imediata apresentação dos anti-objetos que compõem o “cenário” a que os ativistas do movimento irão se opor e promover o seu protesto: “Desmatamento, invasão de terras indígenas e trabalho escravo”. O “protesto” é uma forma considerada “pacífica” de enfrentar os anti-sujeitos responsáveis pelos anti-objetos destacados. Elencar os anti-objetos como alvo da sanção pragmática dos ativistas decorre de um programa narrativo que não pretende simplesmente sancionar de forma pragmática os sujeitos negativamente, como faria um grupo militar ou paramilitar distinguindo os sujeitos como /amigos vs inimigos/. O alvo preferencial desses grupos produz um discurso que costuma justificar uma sanção pragmática pelas “vias de fato”, ou seja, pelo uso de força que pretende dissuadir e eliminar o anti-sujeito. Entretanto, o Greenpeace tem por princípio e valor a inviolabilidade da vida que é condição indispensável dessa sanção². A amizade, nesse caso, não anula o princípio subjacente a outra paixão, o “amor universal”, ainda que coloque em confronto sujeitos em polos ideológicos frontalmente opostos sob o qual são construídos e interpretados discursos como os dos “guerreiros”, que produzem grande apelo passional e emocional, como ocorre nos “discursos de ódio” produzidos entre facções rivais a exemplo dos discursos produzidos por grupos nazistas e neonazistas se referindo aos judeus, e por sua vez, do sionismo com relação aos nazistas.

Com base em proposta de Zilberberg e Fontanille (2001, p. 27), feita para mostrar como os valores tomam forma e circulam no discurso, Fiorin

- 1 Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Floresta-de-carvao-e-violencia/> acessado em: 30 de Maio de 2012
- 2 “Eles eram quackers, grupo religioso de tradição protestante que acredita numa forma pacífica de resistência, que consiste em estar fisicamente presente na cena de um acontecimento ruim como forma de impedi-lo.” Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/quemsomos/Greenpeace-no-mundo/> acessado em: 30 de Maio de 2012

(2009, p. 4) afirma que há culturas que se veem como unidade, regidas pelo princípio de exclusão e outras como mistura, regidas pelo princípio da participação. Para Fontanille e Zilberberg, (2001, p. 20-30) a cultura da triagem (do interdito) possui um aspecto descontínuo e inclina-se a cercear a circulação cultural, desacelerada pela presença do exclusivo e do excluído. A cultura da mistura, por seu lado, apresenta um aspecto contínuo que tende ao andamento rápido e a favorecer o “comércio” cultural. É, por sua vez, a cultura do permitido.

Entretanto, a cultura “do permitido” não é garantia da existência de uma sociedade mais justa e democrática e a cultura do interdito não provem necessariamente em uma sociedade injusta e opressora. As sociedades, para se organizarem, têm que fazer triagens e misturas. Uma cultura permissiva costuma sê-lo escondendo suas triagens. Na cultura da moda, por exemplo, por mais que modernamente venha-se buscando dar acesso amplo e politicamente correto ao sistema da moda, buscando uma mistura cada vez maior de tendências, culturas, grupos e classes sociais de diferentes níveis econômicos, o faz ditando padrões que “naturalmente” segmentam o acesso a essa mistura, liberando o acesso por triagens que diferenciam níveis socioeconômicos, padrões de beleza, acesso a materiais etc. A indústria da moda oblitera o conhecimento por trás da lógica subjacente ao sistema. Por outro lado, A cultura por trás das regras do trânsito, embora resulte da explicitação de diferentes triagens, garante o direito democrático de ir e vir ao assegurar a circulação do trânsito quando, por exemplo, interdita uma via, impedindo que dois veículos circulem pela mesma mão dessa via em direções opostas.

Supomos o seguinte quadro que delinea o horizonte da intencionalidade amistosa e os valores desejados:

Atores Amigos $S1 \rightarrow (Ov) \leftarrow S2$ (amado)

Tipo 1 : Rival (exclusivo)

$S1 \cap S2$ (amigos) $\rightarrow \cap Ov$ (Descritivo Modal)

Tipo 2 : Rival - (inclusivo) Inimigo comum

$S1 \cap S2$ (Aliados) $\rightarrow \cap Ov(+)$ $\leftarrow \cup S3$ (antisujeito / inimigo).

Ilustração 1: Intencionalidade amistosa e valores desejados

A amizade sempre é, então, intersubjetiva e é resultante da busca de um objeto valor – descritivo modal – que comungue o percurso desses sujeitos. Dentro desse esquema narrativo, propõe-se dois programas narrativos: o primeiro que se constitui tal e qual colocado acima, que caracteriza uma “amizade exclusivista”, o que remete a lógica da triagem/filtragem, e o segundo tipo, em que se acrescenta um anti-sujeito nessa equação, contra o qual os amigos se unem. No segundo tipo, o sujeito amigo corresponde a um aliado, tipologia que nos remete à lógica da mistura.

A lógica dos movimentos sociais resulta desse segundo tipo de amizade. Então, por que esse tipo de amizade que busca uma mistura e explicita suas triagens teria sido incrementada pelas redes sociais que possui um sistema de aplicativos que, ao que parece, esconde suas triagens e explicita suas misturas? O microsistema social e cultural das redes sociais, como o Orkut e o Facebook observado por nós, é ambíguo nesse aspecto e oscila entre adotar soluções que permitam interditar e permitir a manifestação textual³ através de ferramentas que ora privilegiam a mistura, ora a triagem. Essas ferramentas regulam as relações escópicas - “ver” e “ser

³ Texto tomado aqui em seu sentido amplo: multimodal e sincrético.

visto” - cotejada entre o sistema e o usuário a fim de dimensionar o espaço do que pode ser tornado público e privado.

Temos, então, dois sistemas: o dos **movimentos sociais** que explicita sua triagem em busca da homogeneidade da mistura de seus membros por ser essencialmente público e mostrar-se apenas por essa face do movimento e o das **redes sociais** que é ambíguo por seu caráter ambivalente com respeito ao gerenciamento daquilo que é público e daquilo que é privado.

O Greenpeace busca a adesão do sujeito ativista à sua causa que se antagoniza a outras práticas por ele repudiadas. Ele busca um sujeito escópico, que “não quer não ser visto”: o ativista.

“Foi contra esse cenário que o Greenpeace protestou hoje: a 20 quilômetros da costa de São Luís (MA), ativistas escalaram e bloquearam a âncora de um navio que estava prestes a receber toneladas de ferro gusa que seriam levadas aos Estados Unidos, com um banner escrito “Dilma,desliga a motosserra”.”

Para seduzir o destinatário e conquistar adesões, o sujeito “ativista do Greenpeace” deve realizar atividades de gerem grande impacto e que rompam com o “território” do **contrato** que pressupõe uma aceitação passiva de regras pelos sujeitos e adentre o “terreno” perigoso da **polêmica** pelo confronto pragmático de objetivos. Porém, essa ação não deve resultar em agressividade, mas deve levar ao oponente a explicitar publicamente sua posição diante da persistência do ativista ou terá de desistir de seu propósito de dar-se por vencido

“O protesto no mar em frente à capital maranhense levanta questões embaraçosas sobre o comprometimento da presidente Dilma Rousseff e seu governo quanto à proteção ambiental às vésperas da Rio+20, a cúpula da ONU sobre clima, biodiversidade e desenvolvimento sustentável que começa oficialmente no dia 20 de junho, no Rio de Janeiro.”

Nas redes sociais, observamos que há por trás dos sujeitos ideais uma paixão escópica implícita que resulta do comportamento escópico que é modalizado por /querer-ver/ e /querer-ser-visto/. A amizade numa rede social, enquanto uma paixão intersubjetiva idealizada, é uma paixão que decorre de um /querer-ser/ (desejável) ou, mais intensamente de um /não-querer-não-ser/ (imperativa) e não de um /querer-não-ser/ (facultativa⁴) ou /não-querer-ser/ (indesejável). O critério da quantidade de amigos é um valor euforizado, quanto mais amigos, maior é o “valor” do sujeito. Esse critério é público nas redes, ou seja, a quantidade de amigos e quem são esses amigos aparecem no perfil de cada um e todos os usuários da rede podem vê-lo. O sujeito ao sincretizar-se com uma rede social, assume, então o atributo da fama valorizado pelo sistema e por esse atributo torna-se um objeto desejável. A paixão amizade publicizada no aplicativo, então, é reduzida a uma mera paixão simples e intensa, assumida pelo usuário como um valor euforizado, um sujeito que, como o seu destinador, a rede social escolhida, não quer não ser visto, pois se tornou um objeto exponencialmente desejável. Ter amigos em uma rede social é, então, poder ter mais amigos a partir de seus amigos. Essa é uma característica comum à maioria, senão a todas as redes sociais porque se constitui um dos motores que alavancam o seu sucesso.

No Facebook, há uma ferramenta que identifica essa potencialidade e a incrementa ao oferecer ao seu usuário os possíveis novos amigos que estão por detrás de cada novo amigo que é incorporado ao seu perfil. Essa é uma das ferramentas que tornaram o Facebook a maior rede social existente hoje, recentemente superando o Orkut em número de usuários no Brasil.

O ativismo dos movimentos sociais pretende, evidentemente, obter a adesão de mais e mais amigos à sua causa, mas essa adesão se vê restringida pelo componente “causa”, ideológico, explicitado no programa narrativo dos movimentos sociais que, por outro lado, encontra-se apagado ou difuso no dispositivo das redes sociais. O /querer-não-ser/ (facultativo) ou /não-querer-ser/ (indesejável) polêmicos também estão previstos no

4 Observe que “querer não ser” implica “já ser” por isso a denominação “facultativa”

programa do ativismo. A amizade no ativismo vem de uma triagem da mistura por um critério bem claro.

Sabemos que os estados de alma estão implicados nos percursos da atividade humana, como motivadores ou como motivados por eles. Assim, podemos reconhecer alguns percursos narrativos e de estados passionais a partir da expressão de paixões ditas complexas, mesmo não tendo acesso às narrativas que as desencadearam.

A Semiótica, ao reconhecer que há um componente patêmico a perpassar todas as relações e atividades humanas, que ele é o que move a ação humana e que a enunciação discursiviza a subjetividade, mostra que as paixões estão sempre presentes nos textos. (FIORIN, 2007, p. 10)

A abordagem das paixões utilizada por Greimas & Fontanille (apud MATTE & LARA, 2007, p.51) faz emergir a dimensão passional a partir dos modelos da semiótica da ação, integrando o percurso do “fazer” ao percurso do “ser”. MATTE & LARA propõem que, o esquema passional canônico (1) pode, portanto, ser articulado ao esquema narrativo canônico (2), comportando, a exemplo deste, quatro sequências:

- (1) Disposição →sensibilização→emoção→moralização
(2) contrato→competência→ação→sanção

Esquema 1: Esquema Narrativo Canônico

Nas redes sociais, a espera, estado inicial das paixões complexas, resolve-se pelo simples reconhecer proporcionado pelo mero encontro, momento inicial do percurso passional canônico da amizade:

Amizade

- (1') Reconhecimento→Empatia→Confiança/ envolvimento

Já nos movimentos sociais, a amizade se estabelece seguindo o percurso canônico e não podem prescindir da “empatia” e “confiança”. O problema a ser superado é como encontrar um número de adesões suficiente que dê sustentabilidade à “causa”! Afinal, como revela o dito “A União Faz a Força”. Embora as redes sociais apresentem esse percurso superficial, sua neutralidade e difusão promovem encontros fortuitos em grande escala que permitem resolver essa falta trocando-a por um devir que faz o sujeito usuário de uma rede social um esperançoso, a espera de um amigo que lhe dê uma “causa”. São essas faltas em ambos os percursos que complementam o percurso passional canônico dos sujeitos que consubstanciam os movimentos e as redes sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MATTE, A. C., & LARA, G. M.. A paixão da cólera em "O cobrador", de Rubem Fonseca. In: I. L. MACHADO, W. MENEZES, & E. MENDES, As Emoções no Discurso (pp. 45-62). Rio de Janeiro: Lucerna, 2007

FIORIN, J. L. Paixões, afetos, emoções e sentimentos. Cadernos de Semiótica Aplicada Vol. 5.n.2, dezembro de 2007.

FIORIN, José Luiz. A construção da identidade nacional brasileira. BAKHTINIANA, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 115-126, 1o sem. 2009

FONTANILLE, Jacques. & ZILBERBERG, Claude. Tensão e Significação. Humanitas SP, 2001.

BARROS, D. L. P. de . Teoria do Discurso. Fundamentos semióticos. 3ª. ed. São Paulo: Humanitas, 2001. v. 1. 172 p.